



# A cacimba

Lauro Elme

Oitavo colocado no Prêmio Sesc de Contos  
(Machado de Assis) do SESC de Brasília  
Edição 2012

Todos os direitos reservados.

## A cacimba

Lauro Elme

Aquele buraco no chão, exercia uma atração irresistível sobre nós.

“Vamos até a cacimba?”

Bastava a sugestão, para esquecer bola, pipa ou pião. Então, era correr até a construção abandonada. A cacimba ficava ao nível do chão com a sua boca redonda olhando para cima. Alguns chamavam de poço, porque diziam que uma cacimba é menos profunda, mas para nós era cacimba mesmo. Não tinha tampa de proteção, ficava assim mesmo, escancarada. Estava abandonada, como a construção em volta. Muitos sabiam da sua existência, mas ninguém sabia que íamos ali. Qualquer pai ou mãe mataria o filho de pancadas se soubesse. Era o nosso segredo. A diversão era sentar na beirada e deixar os pés balançando no vazio. Lá embaixo, um minúsculo céu redondo hipnotizava nossa vontade. Seria tão simples. Bastaria apoiar as mãos no chão, dar um pequeno impulso com os pés para frente e cair no vazio. Era assustador. Era irresistível. Nessa hora o coração batia rápido e um frio na barriga fazia a perna formigar. A saída era deitar para trás e ficar olhando o céu de verdade, obrigando a cabeça a pensar em outra coisa. Alguns eram mais corajosos, inclinavam o corpo para frente e ficavam cuspidando na água lá embaixo, ou faziam como o André, que urinava na cacimba, em pé, bem na beiradinha.

“Será que é fundo?”

No dia seguinte alguém levou um rolo de barbante. Enrolamos uma pedra na ponta e baixamos devagar. Dava para ver o rolo diminuindo na mão do Felipe. Soubemos que chegou ao fundo, quando o céu redondo lá embaixo tremeu em círculos. Puxamos a pedra de volta. O André disse que um passo com a perna bem aberta dava um metro. Estendemos o barbante no

chão e andamos em fila indiana, com as pernas abertas, como se estivéssemos marchando num planeta diferente. Contamos trinta passos.

“Trinta metros!”

Um dia, quando desviei os olhos do fundo hipnótico, dei com o Felipe olhando para mim.

– Dá vontade de pular só para saber como é, não dá?

Respondi que não. Fiquei vermelho com a mentira e deitei de costas no chão.

Nesse mesmo dia o André pediu pra gente se afastar da borda, tomou distância, correu e saltou sobre a boca da cacimba parando do outro lado. Não era uma distância muito grande para saltar, mas só de saber que ele passou por um buraco com trinta metros de profundidade, era de parar o coração.

“Quem é o próximo?”

Ninguém queria ser chamado de medroso, por isso decidimos que todos saltaríamos.

“Melhor deixar para amanhã, já está escurecendo”.

Naquela noite demorei para pegar no sono. A perna formigava só em pensar. No dia seguinte o desafio continuava de pé.

“Quem é o próximo?”

Havia duas leis entre a turma, dessas que não precisam ser votadas. A primeira, era que ninguém fazia brincadeiras de correr ou empurrar perto da cacimba. Era uma espécie de honra entre garotos. Mas, se alguém quisesse arriscar o próprio pescoço com brincadeiras idiotas como aquela, era problema dele.

Eu fui o terceiro. Tomei grande distância e corri com o coração aos pulos. Em volta da cacimba a turma gritava e batia palmas como numa prova esportiva de verdade. Vi a boca negra e redonda se aproximando. Não podia pular muito antes nem muito na beirada. A perna queria dobrar sozinha e fazer o corpo desistir, antes que fosse tarde demais, mas o incentivo da turma e a vontade de provar que não tinha medo, me fez continuar. No final, o pulo foi até fácil. Pisei no local certo e fui cair bem à frente, tamanho o impulso que dei. Imaginei o pequeno círculo de água passando trinta metros abaixo. Cheguei do outro lado gritando alto, sob os assobios e aplausos da turma. Foi assim com cada um de nós. No final todos pulamos. O único que deu medo foi o Jorge. Ele não tomou distância como a gente, chegou à beira da cacimba quase caminhando. Parecia muito devagar para saltar e rápido demais para parar. Bem na beirada ele deu um grande passo com a perna direita e um impulso com a outra. Acabou do outro lado, com os pés bem rente à boca da cacimba.

Naquele dia, voltei para casa diferente, sentindo-me bem mais que um garoto.

Outro dia legal aconteceu quando o Felipe apareceu com um maço de cigarros que pegou da mãe.

“Ela não vai sentir falta?”

Estávamos caminhando para a cacimba. Felipe olhou para o chão e respondeu com voz triste.

“Quando ela bebe nem sabe que dia é da semana”.

Ficamos em silêncio. Não sei se algum de nós tinha um motivo tão triste para sair de casa e brincar no campinho. Quando estávamos sentando em torno da cacimba, alguém ainda perguntou:

“E a sua irmãzinha?”

A resposta foi baixa como da primeira vez:

“Fica com a vizinha.”

Em seguida provocou, para afastar a tristeza:

“Vão querer o cigarro ou não?”

Claro que queríamos, afinal não éramos mais garotos. Ninguém sabia fumar de verdade, apenas o André já tinha posto cigarro na boca. O gosto era horrível. Eu não consegui tragar, como o André ensinou. Dava vontade de tossir e chorar. Mesmo assim senti-me muito importante nesse dia com o cigarro entre os dedos. Quando ficava bem pequeno, a gente jogava a ponta na cacimba para ver aquela luzinha vermelha desaparecer. Na hora de ir embora, alguém teve a ideia de comprar balas de hortelã para disfarçar o hálito. Juntamos as moedas e fomos caminhando feito homens para o bar do seu Abel.

Às vezes, esquecíamos a cacimba e brincávamos na construção ao lado. A obra parou no alicerce. Não havia nenhuma parede de pé. Uma fileira com dois tijolos de altura marcava o desenho da casa no chão. A diversão era ficar imaginando onde seria a sala, os quartos e a cozinha. Cada um inventava seus móveis, tapetes e cortinas. Decidimos que a casa foi feita para nós e, um dia a terminaríamos. O local que eu mais gostava de ficar era no quarto, perto da minha janela imaginária.

A última vez que fomos até a cacimba começou com a notícia que a irmã do Felipe havia sido levada pela assistência social na noite anterior. A vizinha chamou a polícia, quando a mãe do Felipe, embriagada, bateu na menina de apenas dois anos. Soubemos que o Felipe enfrentou a mãe, pegou a irmã e levou para a casa da vizinha. Depois fugiu, antes que a polícia chegasse. Ficamos sem ver o Felipe a manhã toda na escola, até que alguém se lembrou da cacimba.

Nosso segundo código de honra obrigava-nos a nunca ir até a cacimba sozinho. Quando chegamos, o Felipe estava dormindo no chão, num dos quartos da nossa casa. Acordou com fome. Juntamos nossas moedas e, eu e o André, fomos até a padaria comprar pão doce e leite. Quando voltamos, os outros estavam sentados em torno da cacimba. Enquanto comia, o Felipe contou o que aconteceu. Contou que fugiu, porque não queria ser levado para um lugar

estranho.

– Você dormiu aqui esta noite?

– É o único lugar que eu tenho agora!

Na mesma hora, decidimos que íamos terminar a casa. O Jorge pegaria algumas ferramentas escondido do pai, pedreiro. Ele seria o nosso empreiteiro, porque sabia fazer a massa e usar o prumo. O André e o Tadeu ficaram encarregados de conseguir cimento e areia. Havia muitas construções no bairro, ninguém daria falta se sumisse alguma coisa.

– Se faltar cimento, a gente completa com terra.

Eu e o Felipe arranjaríamos os tijolos e as telhas. Ali mesmo havia muitos tijolos espalhados pelo mato, era só reunir. O Jorge disse que não importava o tamanho nem a cor. Ficamos sentados na beira da cacimba, fazendo nossos planos com empolgação. Não precisávamos fazer a casa toda. Primeiro, faríamos um cômodo para o Felipe morar, mais tarde faríamos o resto. Pelo alicerce no chão, escolhemos fazer o menor deles, para terminar rápido. Devia ser o banheiro na planta original. Ficamos tão animados que quase esquecemos o problema que nos obrigava a fazer aqueles planos. O Felipe até riu quando eu contei que na minha casa havia uma telha de amianto que meu pai comprou para fazer a casa do cachorro. Isso já fazia mais de um ano e o cachorro continuava dormindo debaixo da minha cama.

“Essa telha é a primeira coisa que eu vou trazer amanhã.”

Depois combinamos os móveis que cada um traria. Eu pegaria uma cadeira velha que ficava no quintal. O Tadeu tinha uma cama de armar, que só ocupava espaço na garagem. Além disso, nós iríamos à noite, escondidos, na casa do Felipe, pegar suas roupas e material de escola. Estávamos fazendo planos rapidamente. Dava um frio gostoso na barriga. Eram planos grandes. Mas não éramos mais crianças, éramos homens com uma casa para construir e um amigo para ajudar. Nossa empolgação era tão grande que o Jorge não conseguiu mais ficar parado. Levantou e saiu, dizendo que ia buscar as ferramentas do pai. O André e o Tadeu, também levantaram. O André ficou olhando os alicerces e imaginando a casa recém-acabada. O Tadeu foi retirar, com as mãos, uns matos altos que cresciam onde íamos construir. Eu e o Felipe continuamos sentados na beira da cacimba. Eu estava esperando ele acabar de tomar o leite. Depois, tínhamos que juntar os tijolos. Eu não via a hora de começar a levantar a primeira parede da nossa casa. Olhei para o Felipe, querendo que ele terminasse logo pra gente trabalhar. Ele olhou para mim. Seus olhos diziam que a empolgação havia passado. Deu um sorriso triste, apoiou as mãos na beira da cacimba e jogou o corpo para frente.

Vendo o Tadeu retirar os matos que cresciam rente ao alicerce, fiquei imaginando que o próximo cômodo a ser levantado, seria o quarto em que eu gostava de ficar. Era encostado ao cômodo que íamos construir. Seria fácil convencer a turma. Além do mais, a grande janela que

eu imaginava ter, deixaria menos parede para levantar. Quando ficasse pronto, eu até poderia passar algumas noites ali, fazendo companhia ao Felipe. Olhei para ele, para avisar da minha ideia e pedir que terminasse logo. Ele já havia terminado, a caixa de leite estava jogada ao seu lado. Olhou para mim com olhos vazios, mas brilhantes. Na mesma hora, eu soube o que ia acontecer. Ele tinha o mesmo olhar do dia em que me perguntou se eu não tinha vontade de pular só para saber como era. Fiquei paralisado. Vi em câmara lenta ele apoiar as mãos na boca da cacimba, levantar o tronco com a força dos braços e cair lentamente para frente.

Eu estava empolgado. Éramos homens de verdade. Não se tratava mais de fumar ou provar coragem pulando por cima de abismos de trinta metros. Não, agora fazíamos planos. Somente homens fazem planos como os nossos. Íamos construir uma casa. Uma casa de verdade, para homens de verdade. Para amigos de verdade. Eu arranjaría tantos tijolos, que o Jorge não teria outra opção a não ser continuar construindo até a casa ficar completamente pronta. Eu sabia onde arranjar o material. A cada dia, pegaria um pouco de cada uma das construções do bairro. Eles nem dariam falta. Não via a hora de começar. Virei pra dizer isso, mas o Felipe olhou para mim de um jeito tão triste que eu esqueci o que estava pensando. Se eu tivesse tempo de falar sei que o convenceria, mas não consegui lembrar o que ia dizer. Seu olhar apagou minha mente. De alguma forma, eu sabia o que ia acontecer. Enquanto apoiava as mãos ao lado do corpo e inclinava-se, em câmara lenta para frente, seus olhos continuaram fixos em mim. Seu sorriso triste transformou-se por um segundo para sussurrar uma frase:

“Eu vou saber como é.”

Não lembro o que houve em seguida. Só posso escrever baseado no que os outros contaram. O André disse que viu quando aconteceu. Ele deu um grito chamando a atenção do Tadeu que retirava ervas daninhas da nossa casa. Disse que eu apaguei e comecei a cair para frente, como se estivesse amarrado ao corpo do Felipe por uma corda invisível. Ele correu e me puxou com força pela camiseta. Eu fiquei deitado de costas no chão. Depois, ele e o Tadeu, de joelhos ao lado da cacimba, começaram a gritar pelo Felipe. O Jorge vinha chegando nessa hora. Largou a sacola com as ferramentas e correu para perto da gente. Quando ficou sabendo o que aconteceu, começou a chorar e brigar com todo mundo. Como se tivéssemos culpa. Ele me sacudiu pelos ombros, perguntando o que eu tinha feito. Eu só respondia que estava com frio e que não conseguia sentir minhas pernas. Não imagino quanto tempo se passou até o Tadeu chamar alguém, mas sei que muita gente apareceu. Mulheres chorando, homens com cordas e crianças curiosas. Pessoas que eu não conhecia me levaram para casa. Minha mãe achou que eu tivesse sofrido um acidente. Quando lhe contaram o que havia acontecido, ela só conseguia me abraçar e chorar. Depois disso eu dormi por dois dias, com febre.

No terceiro dia, o Jorge, o André e o Tadeu foram até em casa. Eu já estava bom e, na

semana seguinte voltaria para a escola. Foram eles que contaram o que aconteceu depois que o Felipe pulou. Contaram que muitos homens tentaram, mas ninguém conseguiu descer na cacimba.

“Parece que tinha mesmo mais de trinta metros.”

Tiveram que chamar os bombeiros. O Felipe só foi retirado quando já era madrugada. Disseram que até a televisão apareceu para mostrar o momento. Depois disso, a cacimba foi coberta com tábuas grossas e o terreno cercado com arame farpado.

Antes dos três irem embora, minha mãe trouxe bolo de laranja e guaraná. Passamos a tarde lembrando das nossas aventuras na cacimba, da nossa casa e do quarto que íamos construir para o Felipe. O Jorge disse que as ferramentas que ele havia pego do pai, ainda estavam lá em algum lugar. Não sei como o André soube disso, mas contou que quando fizeram a autópsia no Felipe, viram que ele não tinha água nos pulmões. Isso significava que ele morreu na queda, e não afogado como alguns pensaram.

– Por isso ele não respondeu quando eu e o Tadeu gritamos.

Não tenho vergonha de dizer que chorei quando nos lembramos do Felipe e das coisas que fizemos juntos. Podíamos chorar, afinal éramos apenas garotos.

Essas lembranças ainda perseguiram-me por muito tempo depois daquele dia. Eu cresci, entrei na faculdade, tive namorada e novos amigos, mas nunca saí do mesmo bairro. Ainda encontro o Jorge, que tem uma casa de material de construção junto com o pai. Encontro o André que pretende se formar advogado e o Tadeu que, no final do ano vai jogar futebol num time da segunda divisão no sul do país. Ainda falamos dos velhos tempos e do Felipe, mas nunca mais fomos amigos de verdade. Nunca nos reunimos em datas festivas, para beber e conversar, como eu pensava que aconteceria. Éramos como uma engrenagem com um dente quebrado. Jamais faríamos funcionar uma máquina novamente.

A mãe do Felipe morreu menos de um ano depois do filho. Quando ela tomou consciência do acidente, teve uma crise nervosa e precisou ser internada. Nunca mais saiu do hospital. A justiça concedeu a guarda da irmã do Felipe à vizinha, que sempre tomava conta dela. Eu encontrei a irmã dele algumas vezes, ela não se lembra daquela época, mas sabe que foi o irmão que a salvou da ira da mãe. Transformou-se numa garota bonita. Tem treze anos e estuda no colégio do bairro. Eu não gosto de encontrá-la, ela tem o mesmo olhar triste do Felipe.

Quanto à cacimba, foi soterrada quando a água encanada chegou ao bairro. Alguém comprou o lote e a casa foi finalmente construída. Um dia passei em frente para ver. Aproveitaram o mesmo alicerce. Não ficou feia, mas não é a casa que sonhávamos. Onde ficava a cacimba, existe agora um gramado verde e bem cuidado. Quando cheguei perto do portão, um cachorro grande avançou latindo alto. Um homem barbudo e sem camisa apareceu na varanda.

– Deseja alguma coisa jovem?

Antes de virar e andar para longe das lembranças, respondi com a voz um pouco trêmula:

– Não, estava apenas procurando um amigo.

\*\*\*